



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.**

JOSÉ VALDENIR KORO MUNDURUKU

**DESAFIOS DO ENSINO DA CULTURA AMAZÔNICA NA ESCOLA
INDÍGENA : Percepções de professores da na EIMEI Karo Aboy,
Aldeia Nova, Trairão, em Jacareacanga- Pará**

ITAITUBA/ PA

2022

JOSÉ VALDENIR KORO MUNDURUKU

**DESAFIOS DO ENSINO DA CULTURA AMAZÔNICA NA ESCOLA
INDÍGENA: Percepções de professores da na EIMEI Karo Aboy,
Aldeia Nova, Trairão, em Jacareacanga- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

ITAITUBA/ PA

2022

MUNDURUKU. José Valdenir Koro.

DESAFIOS DO ENSINO DA CULTURA AMAZÔNICA NA ESCOLA INDÍGENA :
Percepções de professores da na EIMEI Karo Aboy, Aldeia Nova, Trairão, em
Jacareacanga- Pará. . : CLPL da FAI, 2022.
57 fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de
Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba- Pará- BR-PA, 2022.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

I Educação artística . II Lucia Maria da Costa Cruz. Faculdade de Itaituba- FAI.
Itaituba-BR- Pará/2022

ACADÊMICO: JOSÉ VALDENIR KORO MUNDURUKU

DESAFIOS DO ENSINO DA CULTURA AMAZÔNICA NA ESCOLA INDÍGENA :
Percepções de professores da na EIMEI Karo Aboy, Aldeia Nova, Trairão, em
Jacareacanga- Pará

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz. Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz. Esp.

Avaliador(a) _____ Nota: _____
Prof.^a Margaret Ferreira de Aguiar, Esp.

Avaliador(a): _____ Nota: _____
Prof.^a Edilane da Silva Melo, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 06 de Julho de 2022.

A Deus, pala sua supremacia
e às nossas famílias, pelo
apoio incondicional

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, à minha comunidade, pais, professores e cacique da aldeia Osmar koro Munduruku e Odineide Paigo Munduruku, devido a convivência participativa e apoio no período do curso.

Aos professores da Faculdade de Itaituba- FAI, por transmitirem conhecimentos.

Aos meus colegas, pelo companheirismo e aos amigos, pela lealdade.

À minha orientadora Lucia Maria da Costa Cruz, pelo empenho e dedicação em seu trabalho.

A todos os que direta ou indiretamente contribuíram para essa vitória, meu muito obrigado!

“Nenhuma cultura é estática, mesmo nas pequenas sociedades, embora aparente ser”

(Laraia, 2002)

RESUMO

Este trabalho, sobre os desafios do ensino da Cultura da Amazônia na escola indígena Karo Aboy em Nova Aldeia, no município de Jacareacanga- Pará. Foi fundamentado basicamente em referências bibliográficas para a fundamentação teórica, coo também ocorreu uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, de forma analítica e exploratória, sendo os professores, os sujeitos da investigação que ocorreu no mês de Novembro de 2021. Pretendendo fazer um estudo sobre a percepção dos professores em relação ao ensino da cultura da Amazônia na escola, procurou-se responder a algumas questões, dentre as mesmas, questiona-se sobre se a escola indígena trabalha as diversidades culturais? A cultura da Amazônia está incluída no currículo escolar da escola indígena? Objetivou-se verificar estratégias da Cultura da Amazônia trabalhada na escola, a fim de manter viva tanto as culturas regionais. É por essa razão que é preciso reforçar cada vez mais essa temática nas instituições de ensino, especialmente nas escolas indígenas. Estruturou-se este trabalho em três capítulos distintos fazendo abordagem da Cultura Amazônica, conceituando esta cultura, ressaltando a Amazônia e sua diversidade cultural, como também tradições culturais da Amazônia na escola indígena. Assim, considera-se que a Cultura da Amazônia não se restringe apenas a cultura local da etnia, mas de forma mais ampla, existem as manifestações tradicionais de um povo a nível de região.

Palavras- chave: Cultura. Educação. Etnia indígena.

ABSTRACT

This work, about the challenges of teaching Amazonian Culture at the Karo Aboy indigenous school in Nova Aldeia, in the municipality of Jacareacanga- Pará. It was basically based on bibliographic references for the theoretical foundation, as well as a field research with a qualitative approach, in an analytical and exploratory way, with teachers being the subjects of the investigation that took place in November 2021. the teachers' perception in relation to the teaching of Amazonian culture at school, we tried to answer some questions, among them, whether the indigenous school works with cultural diversities? Is the culture of the Amazon included in the school curriculum of the indigenous school? The objective was to verify strategies of the Culture of the Amazon worked in the school, in order to keep both regional cultures alive. It is for this reason that it is necessary to reinforce this theme more and more in educational institutions, especially in indigenous schools. This work was structured in three distinct chapters approaching the Amazon Culture, conceptualizing this culture, emphasizing the Amazon and its cultural diversity, as well as cultural traditions of the Amazon in the indigenous school. Thus, it is considered that the Culture of the Amazon is not restricted to the local culture of the ethnic group, but more broadly, there are the traditional manifestations of a people at the regional level.

Keywords: Culture. Education. Indigenous ethnicity.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Para você, o que é cultura popular?	40
QUADRO 02	A escola indígena trabalha as diversidades culturais? De que forma?	42
QUADRO 03	A cultura da Amazônia está incluída no currículo escolar da escola indígena?	43
QUADRO 04	Exemplifique tipos de manifestações folclóricas e culturais são realizadas no município de Jacareacanga?	44
QUADRO 05	Que tipos de manifestações culturais são trabalhadas na escola?	45
QUADRO 06	Como são ministradas as aulas sobre a cultura da Amazônia na sua escola? Explique:.....	46
QUADRO 07	Explique o seu entendimento sobre a Cultura Amazônica, as tradições do povo, as vivências e os costumes da sua comunidade.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ABORDAGEM DA CULTURA AMAZÔNICA	13
1.1 CONCEITUANDO CULTURA NA AMAZÔNIA	13
1.2 A AMAZÔNIA E SUA DIVERSIDADE CULTURAL	19
1.3 TRADIÇÕES CULTURAIS DA AMAZÔNIA NA ESCOLA INDÍGENA	21
2 CULTURA DA AMAZÔNIA NA ESCOLA INDÍGENA.....	30
2.1 A ESCOLA INDÍGENA E A CULTURA DA AMAZÔNIA	30
2.2 A DIVERSIDADE CULTURAL INDÍGENA NA ESCOLA	31
2.3 O INDIO, O PROFESSOR E TRADIÇÕES CULTURAIS EM SALA DE AULA.....	35
3 DESAFIOS DO ENSINO DA CULTURA DA AMAZÔNIA NA ESCOLA INDÍGENA : PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA NA EIMEI KARO ABOY, “NOVA ALDEIA”, TRAIRÃO, EM JACAREACANGA- PARÁ.....	39
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA INVESTIGADA	39
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	39
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS	40
3.4 ANÁLISE DA PESQUISA COM OS PROFESSORES	41
3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES	49
CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICES	55

INTRODUÇÃO

O presente trabalho abordou os desafios do ensino da Cultura da Amazônia na escola indígena Karo Aboy em Nova Aldeia, no município de Jacareacanga-Pará. Foi fundamentado basicamente em referências bibliográficas, como (ÁIRES, 1981), (HUIZINGA, 2001), (KISHIMOTO, 1999), (SANTOS, 2000), (VYGOTSKY, 1989), dentre outros autores que foram utilizados no decorrer deste, para a fundamentação teórica. À seguir, houve uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, de forma analítica e exploratória, onde analisou-se as respostas dos docentes entrevistados no mês de Novembro de 2021.

Assim, pretendendo fazer um estudo sobre a percepção dos professores em relação ao ensino da cultura da Amazônia na escola, como também as estratégias para este ensino que é importante para a etnia, procurou-se responder às seguintes questões: A escola indígena trabalha as diversidades culturais? A cultura da Amazônia está incluída no currículo escolar da escola indígena? Que tipos de manifestações culturais são trabalhadas na escola?

Mediante essa questão, objetivou-se verificar estratégias da Cultura da Amazônia trabalhada na escola, Analisar metodologias do ensino da cultura da Amazônia; Identificar manifestações culturais na escola indígena, como também definir estratégias para o ensino da cultura da Amazônica, na escola indígena.

Na realidade, manter viva tanto as culturas regionais como populares é um desafio. É por essa razão que é preciso reforçar cada vez mais essa temática nas instituições de ensino, especialmente nas escolas indígenas. Sobretudo, estruturou-se este trabalho em três capítulos distintos, em que o primeiro fez uma abordagem da Cultura Amazônica, conceituando esta cultura, ressaltando a Amazônia e sua diversidade cultural, como também tradições culturais da Amazônia na escola indígena.

O segundo capítulo explanou a cultura da Amazônia na escola indígena, a escola e a cultura, a diversidade cultural indígena na escola, em que a comunidade participativa está sempre ativa; e o índio, o professor e tradições culturais em sala de aula.

O capítulo terceiro, trouxe o resultado da pesquisa na escola indígena caracterizada e citada acima, os procedimentos metodológicos, os perfis dos investigados, as propostas contribuintes e a conclusão de todo o trabalho.

1 ABORDAGEM SOBRE A CULTURA AMAZÔNICA

1.1 CONCEITUANDO CULTURA NA AMAZÔNIA

A Amazônia apresenta como uma de suas características fundamentais que é ser heterogênea. Neste aspecto, enfatiza-se apenas as singularidades relacionadas ao terreno ambiental, sociocultural, produtivo e territorial da região, com a expectativa de que essas especificidades sejam apresentadas e problematizadas nos processos e espaços de elaboração e implementação de políticas e propostas educacionais para a região, particularmente para o tempo, o social espacial do campo na sua biologia e sócio cultural diversidade. Moraes (1997, p. 178)

[...] emerge assim, do contexto e da cultura, e está compreendida como um sistema de símbolos e significados e das conexões decorrentes dessas relações. Então, para a autora, não se pode subestimar as influências culturais e contextuais no desenvolvimento das inteligências humanas, pois são o próprio contexto e a cultura que avaliam, valorizam ou determinam a adequação deste ou daquele produto simbólico. Destaca ainda que examinar o contexto significa perceber a ecologia de tudo, compreender que as coisas só farão sentido se estiverem relacionadas umas com as outras, se estiverem interligadas, ou seja, em processo de interação constante. (MORAES, 1997, p. 178)

A Amazônia é um mundo à parte. É uma parte do mundo que precisa ser vista com outra ótica, pois é parte significativa de toda a biodiversidade e desconhecida de grande parte da comunidade científica e da humanidade, contudo, muitas das plantas medicinais, já são milenarmente usadas pelas populações tradicionais da Amazônia e graças a estas populações, as instituições de pesquisa ética ou de forma menos atenta, vem descobrindo esse diverso e grandioso potencial do patrimônio natural amazônico.

Assim, a Amazônica brasileira, tomando como referência a Amazônia Legal, é constituída pelos Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e o ocidente do Estado do Maranhão e o norte do Estado do Mato Grosso, abarcando e totalizando, assim, aproximadamente, 60% do território brasileiro, 5,1 milhões de Km² (FILHO, 2004). Também vale destacar que essa Amazônia possui mais de 11.000 km de fronteiras internacionais e 1.482 km de costa,

aproximadamente, cerca de 1/5 da costa brasileira e 150 km de largura no território brasileiro. (BECKER, 2006).

O mundo Amazônico sempre foi marcado por uma ampla diversidade sociocultural, composta por populações que vivem no espaço urbano e rural, habitando um elevado número de povoados, pequenas e médias cidades e algumas metrópoles, que, em sua maioria, possuem poucas condições para atender às necessidades dessas populações, por apresentarem infra estrutura precária e não dispor de serviços essenciais e direitos básicos, sobretudo na territorialidade do campo, área campesina ou zona rural.

Considera-se que entre essas populações, que habitam a região, encontram-se indígenas, quilombolas, caboclas ribeirinhas e da floresta, sem-terra, assentadas, pescadores, camponesas, posseiras, migrantes, oriundas, especialmente, das regiões nordeste e do centro-sul do país, entre outras populações que integram esse grupo de radicalizados.

A cultura é um padrão historicamente transmitido de significados encarnados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em forma simbólica por meio das quais os homens comunicam, perpetua e desenvolve conhecimentos e atitudes em relação à vida. A cultura, portanto, onde transitam os saberes e as práticas, é uma construção que permanece como uma realidade consistente e significativa, decorrente da organização abrangente de rituais e sistemas simbólicos. Estes símbolos podem ser verbais e não-verbais e estão geralmente ligados ao ethos filosófico da cultura dominante. (MCLAREN, 1991).

Neste sentido, a “Cultura” é um termo que desde o período primitivo vem sendo desenvolvido por conta de sua abrangência e complexidade, haja vista, as inúmeras transformações que acompanham a evolução do sujeito no seu espaço social, tecnológico, entre outros, ao longo dos tempos, na vida das pessoas.

Diante disso, pensa-se as culturas na Amazônia a partir da antropologia das diferenças cuja intenção é apresentar as manifestações culturais numa perspectiva do diferente, e com uma grande riqueza interna a ser compartilhada. Porém, a Cultura parte de uma concepção ampla, dinâmica, abrangente, pluralizada, que implica diversidade de manifestações, condutas e comportamentos. Por essa razão, é inapropriado e insipiente tratar cultura como algo uniforme, retilíneo e singular. A Amazônia é um exemplo apropriado dessa percepção, com dinamismo, diversidade,

diferenças e tudo o que há de manifestação do povo que convive e vive neste pedaço de Brasil. Então,

Cultura ou civilização, tomada em seu amplo sentido etnográfico, é esse todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, direito, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. A condição de cultura entre as várias sociedades da humanidade, na medida em que é capaz de ser investigada em princípios gerais, é uma matéria apta para o estudo das leis do pensamento e da ação humana. [...] enquanto, por outro lado, suas várias gradações podem ser consideradas como estágios de desenvolvimento ou evolução, cada um dos resultados da história anterior, prestes a fazer sua parte adequada na formação da história do futuro. (TYLOR, 1871, p. 01)

Dito isso, a cultura promove intensas modificações nas disposições inatas do ser humano, obrigando-o ao convívio livre com o outro e ao mesmo tempo exigindo a entrega de parte de suas liberdades pessoais ao bem estar comum. Por isso, embora a origem da cultura esteja na busca da satisfação de necessidades biológicas, sua verdadeira natureza exigirá das pessoas algo que o faça diferente, enfatizando os aspectos de vida de uma determinada população.

Conforme Taylor (1871) as sociedades se desenvolviam singularmente, mas que a evolução cultural deveria percorrer uma espécie de processo civilizatório universal, que se iniciaria com o estágio de selvageria, passando pela barbárie, para finalmente alcançar o estágio civilizatório, nos moldes do que alcançaram as diversas culturas europeias. Somente a partir deste, podia-se considerar um indivíduo apropriado de Cultura, como um processo a ser dinamizado para melhor.

[...]Nos poucos casos em que se tem investigado a influência da cultura sobre as reações mentais de populações, pode-se observar que a cultura é um determinante muito mais importante do que a constituição física. [...] Nessas circunstâncias, precisamos basear a investigação da vida mental do homem sobre um estudo da história das formas culturais e das inter-relações entre vida mental individual e cultura (BOAS, 2010, p. 97)

O autor citado destaca que a cultura se compõe de aspectos materiais e espirituais, e isso ocorre tanto em culturas simples como em complexas, aspectos esses que são naturais e não necessariamente adquiridos, mas que produzem benefícios à sociedade que a permite atingir um nível cada vez mais elevado e considerado.

A cultura assim implica uma compreensão multidimensional, pois numa visão parcial e unidimensional não se consideram as inúmeras dimensões que compõem

um todo da cultura, isto é, dimensões econômica, social, biológica, psicológica, entre outras. Dito isto, nota-se que cultura é um conceito abrangente, que possui diferentes significados por se relacionar com diversas dimensões da vida popular.

Neste contexto, o conceito de Cultura está em contínuo processo de construção, pois a imensa diversidade cultural das sociedades existentes continuamente recebem influências, as diversas possíveis, e produzem seus efeitos também culturais; por isso também é fundamental considerar culturas como expressões de identidades, memórias, vivências, tradições e manifestações de um povo.

Neste aspecto, [...] É fundamental considerarmos culturas como expressões de identidades e memórias. No caso brasileiro, as culturas são enriquecidas por meio da grande miscigenação resultante de situações históricas pouco harmoniosas. As identidades culturais, conjuntos de características particulares, são formas de se promover o senso de pertencimento de pessoas a grupos populacionais, comunidades, entre outros, e servem para diluir separações, tensões sociais e diferenças entre tais grupos (OLIVEIRA, 2004).

Pode-se assim afirmar, que é a partir dessas relações, que o indivíduo produzirá seu conjunto de conhecimentos, aprendizados, práticas, saberes, modo de agir, viver e de pensar, que serão perpassados para outras gerações e que ao longo de uma linha temporal se torna tradição, cultura, memória, e constitui aspectos fundantes e fundamentais da identidade que define um grupo ou comunidade. Nesse encaminhamento de tornar-se tradição, não serão contadas apenas as memórias de um sujeito e sim de um determinado grupo, comunidade, cidade, região, país, e em uma dimensão universal, de toda a humanidade em apenas um contexto universal.

Essas múltiplas e distintas identidades constituem o sujeito, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência (LOURO, 2000, p. 12).

Neste sentido, identidades e memórias são dimensões que no âmbito do Brasil e, em específico, no espaço da Amazônia, exige contextualizações históricas, visto que a coesão social nacional foi ao longo dos séculos de colonização e do período republicano, feita à base de tecelagem de culturas diferentes e diversas na crença de que suas arestas seriam aparadas com o passar do tempo por força da

imposição de uma aparente homogeneidade dos traços culturais, e que um dia a identidade nacional seria padronizada e universalmente reconhecida, mas que isso está de forma vagarosa.

Muito embora a identidade brasileira, e também amazônica, seja de fato uma estreita mescla entre o africano, o europeu e o aborígene, uma evidente multiplicidade de suas raízes, há que se esclarecer que no interior de cada uma dessas três raízes, a diversidade cultural é demasiado grande. Por isso, é no encontro repleto de conflito dessas culturas que as identidades nacionais tomam forma e não no encontro harmonioso e como deve acontecer.

Como aborda Paulino (2017), a formação de uma identidade cultural é algo que depende de diversos fatores, e seu reconhecimento é tanto mais plausível quanto mais forem realizadas práticas singulares de cultura daí resultantes. Embora seja fundamental a identidade de um grupo cultural para sua existência porque revela a qualidade do idêntico entre entes participantes, não se pode negar que processos identitários são relativos devido ao caráter dinâmico na formação cultural de um povo de certa região.

Nesta consonância, afirma-se que o Brasil não possui uma única formação identitária, mas várias identidades mescladas, formando outras tantas estruturas culturais. Assim sendo, as manifestações díspares, diferentes e às vezes divergentes em diversos aspectos como no religioso, na visão coletiva de mundo, nos jeitos e trejeitos de se 'levar a vida', na linguagem e nos usos simbólicos, nos jeitos de lidar com o meio ambiente, são aspectos das identidades dos diversos grupos populacionais brasileiros, que ganham significado à medida que seus agentes vivenciam, subvertem e transformam suas experiências cotidianas, atualizando as fronteiras entre as múltiplas identidades.

Na realidade esse fator é ainda mais complexo quando transporta-se para o universo da Amazônia Brasileira, com seu povo e suas manifestações culturais adaptadas à diversidade florestal com seus diferentes ecossistemas, que desafia suas populações e exige delas certas dinâmicas, inovações técnicas e tecnológicas, para lidar com tanta diversidade ao alcance. Nunes (2004, p. 9) assegura que a cultura é a “soma de todas as criações que melhoram a condição material dos homens ou que expressam a vida intelectual e moral”.

Por outro lado, os seres humanos produzem cultura porque são capazes de estabelecer normas, regras e convenções quando vivem em sociedade. por isso,

que não existe cultura de um homem só. Por isso, há a noção que se depreende de definições como cultura supõe um povo, uma nação, um grupo, que a vive, transmite e também transforma, Mas a noção de cultura não se aliena da noção de coletividade, mas exprime a comunidade como intercultural e tradicional. É que o ser humano faz sua cultura a partir de sua vivência onde quer que esteja.

Nesta conjuntura, a cultura é o conjunto de convenções, portanto, a maneira de pensar, os hábitos e costumes de determinada coletividade, suas crenças e tradições. Então, passa a ser um conjunto de formas e convenções sociais estabelecidos por um povo, que o vive, pratica, transmite e transforma com o passar do tempo, em um processo de forma gradativa.

Mediante essa questão, extingue-se a noção de cultura como “civilização” para que se evite conclusões lógicas do tipo de “povo sem civilização é povo sem cultura”. Não existe isso de “povo sem cultura”. E quando se fala em povos ou culturas primitivas, não se tome no sentido de “menos evoluídos”, mas no sentido puramente cronológico e etimológico de “que vieram primeiro”. Por que culturalmente está-se sempre evoluindo a partir da época e seu tempo. De acordo com a UNICEF (2011, p.9) “A cultura é um patrimônio importante de um povo, porque resulta dos conhecimentos compartilhados entre as pessoas de um lugar e vai passando, e sendo recriada, de geração em geração. ”

Na realidade, a relação das populações locais com o meio ambiente é uma característica marcante porque é a partir dela que ocorrem as produções e vivências culturais. Essas manifestações encontradas na Amazônia demonstram que não há um jeito único de seus grupos culturais de perceber a si mesmos e ao mundo, ao contrário, são tesouros patrimoniais e apresentá-las a partir do olhar de quem nasce e experiência a vida nesta região é também apresentar visões do mundo diversa das apreendidas a partir de fora delas. Isto afirma o caráter heterogêneo das expressões de cultura, ou seja, a Amazônia não é um espaço culturalmente homogêneo.

Na Amazônia, há exemplos de manifestação cultural de diversas formas, que remontam a um passado que percebia a natureza como lugar mítico e sagrado e espaço de efervescência da vida reveladora de um tipo de cosmologia fundado no imaginário da floresta, típico da etnia indígena e que perdura até aos dias atuais.

Dessa forma, as culturas da Amazônia, são apresentadas juntas às incontáveis formas de manifestação cultural, espalhadas pelo Brasil, pode ser finalmente conhecida em quase sua totalidade por todos, pois, suas manifestações

culturais reconstituem criativamente a vida social, os dramas pessoais e a relação estreita e intimista com o meio ambiente.

Enfim, precisa-se conhecer e ter conhecimento da cultura amazônica, pois serve como uma espécie de instrucional que resgata o passado, conta e reconta as vivências sociais, sempre em consideração aos eventos da natureza, considerando-se na prática questões bastantes atuais de como viver de maneira sustentável e servindo de transmissora de conhecimento de uma geração à outra, com mais enriquecimento tradicionais de um povo, cujos ensinamentos passa de geração para geração.

1.2 A AMAZÔNIA E SUA DIVERSIDADE CULTURAL

Em relação à diversidade cultural da Amazônia, percebe-se, uma infinidade de manifestações que compõe essa dimensão fundamental da existência humana na região, a cultura, a qual perdura desde os períodos primitivos aos dias atuais, adaptando-se, adequando-se, acrescentando-se nos mais diferentes sentidos ao longo da temporalidade, o que lhe confere abrangência e complexidade, destacando semelhanças e principalmente diferenças.

Faz-se necessário ressaltar tais semelhanças e diferenças para fins de melhor compreensão dos elementos que compõem a Cultura na Amazônia, com vistas ao entendimento por parte do indivíduo e da coletividade sobre sua própria cultura, bem como das inúmeras culturas que o cercam. De posse dessa compreensão, além de manifestar seu sentimento de pertencimento, é possível adentrar na cultura do outro promovendo laços que podem ser fortalecidos pelo diálogo intercultural e sociocultural.

Neste caso mostrar ao educando que ele e a escola estão situados num ambiente que faz parte de suas identidades, irá possibilitar mais segurança e facilidade no aprendizado, além de contribuir para a construção de uma identidade firmada em valores correspondentes a sua gente, ao seu sistema social. Pois, a crise da identidade atual é caracterizada por HALL (2005, p.9) com uma “[...] fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade [...]” o que leva o indivíduo a um “[...] deslocamento ou descentração do sujeito[...].” O que leva-se a crer que as instituições de ensino são promotoras de ações que conduzam o educando a se encontrar no mundo, desse modo, seu

currículo precisa estar conectado com a realidade local, para que o educando se sinta parte da sociedade onde habita e da cultura em que vive.

Assim, apesar das culturas indígenas que ainda permitem enxergar certas peculiaridades de origem, os modos locais de vida na Amazônia se constituem de elementos múltiplos e não isoláveis na sua proveniência, por que tudo muda. Não é mais possível falar de modo mecanicista de uma exterioridade que forma a interioridade, nem se pode efetuar uma espécie de mapeamento do que seja, em si, cada partícula cultural integrante do todo. O universo amazônico é uma síntese, uma nova totalidade cultural que se expressa enquanto tal nas suas múltiplas manifestações e tradições.

Ademais, esse olhar para a realidade do educando como ponto de partida da prática pedagógica significa o respeito aos saberes e ao contexto cultural dos educandos. Considera Freire (1993, p. 86) que “o respeito ao saber popular implica necessariamente o respeito ao contexto cultural. A localidade dos educandos é o ponto de partida para o conhecimento que eles vão criando do mundo”. É importante o respeito ao educando como outro que tem uma face, um nome, uma identidade em construção. Também deve prevalecer o respeito traduzido pelo educador popular pela prática amorosa, solidária e de comunicação com o educando de forma saudável e eficaz.

Como enfatiza Loureiro (1995, p.30) que a população amazônica procura cultivar ao máximo a sua cultura, a qual está “mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada”. O autor explica que essa cultura de transmissão oral reflete a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético da realidade cultural. Mesmo diante das históricas tentativas de silenciar os saberes produzidos no universo amazônico, esta cultura sobrevive na dinâmica das práticas resultantes das experiências sociais e da criatividade de seus habitantes.

Para que haja uma contextualização da prática pedagógica, a escola precisa estar alinhada com o cotidiano dos que fazem parte do seu contexto, e uma das possibilidades para a realização desse envolvimento é a inclusão dos temas regionais no currículo das instituições públicas de ensino. E sendo que está-se em uma região de características peculiares, no caso da Amazônia, é viável utilizar sua diversidade de lendas, de floresta, de organização do trabalho, de modo de produção, de organização social de determinados grupos comunitários etc., para

contribuir no processo de formação das instituições de ensino e na organização de um saber que possa ser reconhecido e formalizado.

No ambiente amazônico, a dinâmica da vida se mistura ao modo de produção, a forma de organização social, a floresta, ao modo como as pessoas se comportam e se comunicam. Tudo faz parte de um conjunto muito bem harmonizado como menciona Oliveira (2004),

As comunidades rurais-ribeirinhas apresentam traços característicos afins e heterogêneos, que desenham suas paisagens identitárias sociais, culturais, políticas, econômicas e ambientais num mapa amplo e complexo, que caracterizam as sociedades rurais amazônicas pela diversidade e multiculturalidade. Estas características indeníveis e muitas outras mais denotam uma forma de saber articulado, com signos que o amazônida sabe identificar e interpretar, coisa que ele adquiriu e aprimorou através do contato, observação e repasse de informações. [...] (OLIVEIRA, 2004, P.30)

Aborda-se assim, uma forma de conhecimento expressada na forma da organização das pessoas da região foi sendo construída ao longo de sua existência, repassada de pai para filho através de gerações, o que constitui um arcabouço cultural da região, ou seja, a estrutura que caracteriza o povo amazônida e todo esse conhecimento precisa ser estudado e aprimorado continuamente.

Viver a cultura amazônica é confrontar-se com a diversidade, com diferentes condições de vida locais, de saberes, de valores, de práticas sociais e educativas, bem como de uma variedade de sujeitos como camponeses, ribeirinhos, pescadores, índios, remanescentes de quilombos, assentados, atingidos por barragens, entre outros e cidadãos, como populações urbanas e periféricas das cidades da Amazônia, de diferentes matrizes étnicas e religiosas, com diversos valores e modos de vida, em interação com a biodiversidade dos ecossistemas aquáticos e terrestres da amazônicos.

1.3 TRADIÇÕES CULTURAIS DA AMAZÔNIA NA ESCOLA INDÍGENA

Hoje em dia a Amazônia está em moda. Cada vez mais se ressalta seu aspecto mítico e mesmo se criam e repassam, pelos veículos de comunicação, lendas urbanas a seu respeito, carregadas de ideologias. Talvez o próprio conceito de cultura precise de certa revisão. O que se pretende é abordar, enquanto caráter apenas introdutório, oferecer pistas para uma reflexão mais acurada a respeito da

questão da cultura na Amazônia. Partindo do estabelecimento acerca de o que vem de fato a ser cultura, passa-se a uma análise histórica sobre os diversos povos que aqui chegaram e já estavam e deram a sua contribuição para o quadro cultural que aqui hoje perdura, para, enfim, apontar algumas pistas a respeito de para onde caminha-se ou o que e aonde pretende-se chegar, apesar do dinamismo. Neste aspecto, Pedro (1999) ressalta que a cultura,

[...] é a maneira de pensar, sentir e agir comum a um povo. É o enfoque da existência recebido do povo no qual a gente nasce. A cultura evolui, às vezes muito lentamente, às vezes com grande rapidez, como sucede em nossos dias, por influxo dos gigantescos meios de comunicação. (PEDRO, 1999, p. 71)

A relação das populações locais com o meio ambiente é uma característica marcante porque é a partir dela que ocorrem as produções e vivências culturais. Essas manifestações encontradas na Amazônia demonstram que não há um jeito único de seus grupos culturais de perceber a si mesmos e ao mundo, ao contrário, são tesouros patrimoniais e apresentá-las a partir do olhar de quem nasce e experiência a vida nesta região é também apresentar visões do mundo diversa das apreendidas a partir de fora delas. Isto afirma o caráter heterogêneo das expressões de cultura, ou seja, a Amazônia não é um espaço culturalmente homogêneo.

Na Amazônia, há exemplos de manifestação cultural de diversas formas que remontam a um passado que percebia a natureza como lugar mítico e sagrado e espaço de efervescência da vida reveladora de um tipo de cosmologia fundado no imaginário da floresta. Há histórias como a lenda do Muiraquitã, amuleto oferecido como presente pelas guerreiras nativas Icamíabas, conhecidas como Amazonas aos índios guerreiros guacaris que visitavam anualmente suas tabas, na região do rio Nhamundá, entre os estados do Amazonas e do Pará.

Também as histórias também resgatam a lenda da Caapora, também chamada de Curupira ou ainda de Anhangá, duende protetor da floresta, que pune caçadores que matam os bichos por sentimento de prazer. Também há a história da vitória-régia símbolo do amor entre Naia e Jaci. Contam os pajés tupi-guarani que na gênese do mundo era costume a Lua se esconder no horizonte, descendo por trás das serras para ter-se com suas virgens prediletas.

A cultura, como produção humana e social e como modo de existir de um povo/grupo social, faz-se e refaz-se num campo conflitual, no qual as relações de poder expressam as forças sócio-políticas em disputa. Essas relações se dão de forma desigual, onde determinados grupos/classes têm mais poder para impor e levar a frente seus interesses. Nesse sentido, o processo de hibridização não pode ser entendido, ipso facto, como algo harmônico, mas sim conflitual, pois quem hibrida quem? Quais os interesses nesse processo de hibridação? Como dizia o velho Marx, as idéias dominantes de uma época são, ainda, as idéias da classe dominante de uma sociedade, que não podem ser entendidas como meras reproduções mecânicas, mas forjadas no conflito e nos confrontos de interesses (CORRÊA, 2007, p. 180).

Neste contexto, possibilita-se reafirmar a luta contra o mito da Amazônia como natureza imaginária, segundo o qual a Amazônia não passa de uma selva, despida e apartada da cultura, no qual reside e impera a representação e imaginário social de confundir suas populações com a natureza, isto é, selvagens que, portanto, precisam ser civilizadas, por meio do mundo racionalista europeu e do ideário teológico-político. Esse foi um dos estratagemas de dominação desse paradigma racionalista eurocêntrico e, também, teológico. Esse mito é redefinido e revigorado com a nova onda conservadora da revolução verde, que defende o desenvolvimento sustentável excluindo as populações originárias de seus seculares territórios e de sua relação histórico-cultural com a natureza, por meio do discurso e do paradigma de áreas protegidas (DIEGUES, 2000).

Assim, considera-se a importância dos saberes popular, o que dá bases para a instituição educacional utilize este conteúdo como conhecimento válido para ser trabalhado em sala de aula, saindo do habitual conteúdo repassado pelos órgãos educacionais, passando do estágio submisso das escolas ao nível de autossuficiência no planejamento de seus ideais educacionais.

Na realidade a abordagem de temas voltados para a questão cultural regional é a opção que pode dar novo sentido ao currículo escolar, especialmente na escola da etnia indígena, pois, deste modo estará se explorando o universo mais familiar, que certamente tem muitos signos esperando serem interpretados numa perspectiva acadêmica formal e a escola pode ser uma das tantas pontes para integrar o conhecimento científico oficial com o conhecimento popular das comunidades amazônicas ávidas de espaço para serem projetadas para o ambiente da pesquisa e do embate acadêmico.

Neste sentido, Freire (1982) enfatiza a importância dos educadores compreenderem que homens e mulheres são seres histórico-culturais e o papel da

cultura no processo de libertação das classes oprimidas. Contra a cultura do silêncio imposta às classes oprimidas destaca a força política do «dizer a palavra». O respeito à pessoa do outro se constitui pelo respeito à cultura do outro, que se processa por meio de uma relação dialogal.

Sobretudo, não há como falar da Amazônia sem configurar a sua situação geográfica. Grande parte do imaginário a respeito da região funda-se na sua espacialidade, nos seus predicados naturais, embora, em contraste, esteja também relacionada a ela a ideia de grandes problemas fundiários, de desrespeito aos direitos políticos, econômicos, sociais e educacionais das populações nativas.

No dia-a-dia da realidade amazônica, a natureza e a cultura são pensadas ora integradas no modo de vida nativo, ora ameaçadas pela exploração capitalista, pelos grandes projetos de desenvolvimento, pelo colonialismo predador interno, enfim, pela lógica da cultura científico-tecnológica que marca a própria instituição escolar e o currículo modernos que fazem passar despercebidas as questões culturais que devem e precisam ser exploradas. Braga (2004, p.107) enfatiza que “A função educativa da escola está centrada no conhecimento público, compreendido a Ciência, a Filosofia, a Cultura e a Arte, que podem ser utilizadas como ferramentas para analisar e compreender o processo de socialização reprodutora”.

A realidade da escola na região amazônica pode muito bem expressar os valores que se tem, e não ficar no anonimato falando vagamente de assuntos que só são exemplificados utilizando o imaginário dos discentes. A região necessita de espaços educacionais que interajam com o meio ambiente, respeitem as diversidades de conhecimentos, pois como ressalta Oliveira (2003),

Muitas vezes se analisa o espaço amazônico de forma homogênea, desconsiderando-se a sua multiculturalidade e sócio biodiversidade, desconsiderando-se, inclusive, a identidade de cada povo que vive e convive nesse espaço amplo e diverso, que pode ser caracterizado não como Amazônia, mas como Amazônias. Cada uma dessas Amazônias representa um lugar de determinados autores e grupos sociais, que produzem e reproduzem suas práticas sociais cotidianas, imprimindo assim características próprias a cada um desses lugares. (OLIVEIRA, 2003, p.23):

Na realidade, as múltiplas realidades sociais presentes na Amazônia necessitam ser retratadas através da exploração educacional, valorizando os personagens protagonistas dos diferentes grupos. Com esse ato se agregará ao contexto educacional a preservação e valorização dos costumes do povo que está

na mata, na cidade, na zona rural, nos igarapés, e que são parte do conjunto amazônico. Dizer ser possível transportar a realidade para o lugar da teoria, que o espaço escolar é muito difícil, haja vista teoria e prática não caminharem tão facilmente juntas, pois uma tenta se sobrepor a outra.

Quando trata-se de tradições culturais da Amazônia discorre a certeza de diversos festejos que dão identidade cultural à região, entre elas o Festibal, no município de Juruti e cuja manifestação é a disputa de dois grupos festivos, o Munduruku e o Muirapinima. O Festival dos Botos que também ocorre sob a lógica da disputa de dois grupos festivos, o Boto Tucuxi e o Boto Cor-de-Rosa, em Santarém.

Para ilustrar o cenário, há também o Festival do Boi de Parintins, entre as agremiações culturais Caprichosas e Garantidas, embora seja questionado seu simbolismo dado que uma festa de boi parece contradizer com todas as histórias que seguem à lenda de Muiraquitã fazem parte do universo mítico e lendário da Amazônia, sendo apresentado ao mundo por diversos contadores de história e escritores. Amazônia como lugar de culturas como conceitos, contextos e condições de identidades e memoriais, lógicas de um ambiente de floresta.

Prosseguindo, ocorre também o Çairé, um festival de resgate dos primeiros encontros entre índios e portugueses na região de Alter do Chão, às margens do rio Tapajós, na Região do Baixo Amazonas. Também há a cultura festiva carnavalesca do Mascarado Fobó, com a manifestação identitária de um mascarado que surge nas noites de carnaval, representando o espírito de um matuto desconhecido, entre outras diversas manifestações.

Os contatos primários da população com as manifestações culturais são sem dúvida, as histórias orais passadas através das gerações, compartilhadas principalmente por familiares e amigos na vida diária, narrados principalmente para compartilhar conhecimentos e explicar causos do cotidiano ou mesmo excepcionais (LOUREIRO, 1995). Portanto, maiores interações da população com a cultura na sua vida diária estão na alimentação, festividades, religiosidade e contos orais.

Essas histórias e eventos são apenas alguns exemplos da riqueza cultural da Amazônia brasileira. Todavia, cabe um alerta, o de que boa parte dessas riquezas patrimoniais está em risco de desaparecimento, pois relações interculturais num ambiente globalizado tendem a sufocar as culturas de minoria, o que é o caso

da maioria populações étnicas da Amazônia, região de dimensões continentais, que tem fragilidades gritantes no processo de proteção de seus patrimônios culturais, históricos, memoriais e naturais, o que demanda sólidas estruturas institucionais locais que viabilizem a sua preservação.

Muitos dos utensílios tradicionais de uso cotidiano das populações indígenas são hoje comercializados como artigos decorativos e souvenirs por pessoas dessa origem que hoje vivem próximos aos centros urbanos ou áreas turísticas. Dentre os artefatos, estão cocares, peneiras decoradas, instrumentos, setas e arcos e flechas.

Assim, compreende-se que as manifestações culturais amazônicas destinam-se a expressar de forma ativamente o ser cultural da sociedade local, tornando visível o que não é visto, palpável o que não é tangível e, porque não, palatável o que não tem sabor. Cultura, em sua máxima expressão, vivenciada diariamente e destacadamente em épocas sazonais, exprimindo ideias, conceitos e entendimentos de um aglomerado plural e diversificado de etnias que se contrapõe e complementam, mesclando-se com a vivência numa mesma região.

Mesmo com registro patrimonial, acredita-se estar promovendo uma visitação permanente ao passado como proposta didática de recomposição da história presente, para não perder o que talvez por um momento tenha aplicado fuga ou escapado à memória; e poder dar unidade, significado e atemporalidade entre as manifestações culturais do passado, as do presente e possíveis eventos futuros.

[...] acumula e desenvolve saberes e práticas sobre os variados ecossistemas, fato que lhes confere conhecimentos e habilidades diversos e plurais acerca do complexo roça-mata-rio-igarapé-quintal. Isto implica dizer que as relações sociais de produção se desdobram de modo complementar ou combinado, ou seja, as atividades produtivas da agricultura, da pesca, do extrativismo, da caça e da criação são desenvolvidas combinadas ciclicamente, e estão diretamente relacionadas ao tempo-espço da natureza, objetivando ampliar as condições sociais produtivas de subsistência dessas comunidades [...] (CORRÊA, 2007, p. 200).

Das diversas manifestações culturais amazônicas temos também as artes indígenas, que se manifestam em pinturas e artesanatos, também a arquitetura colonial presente em muitas cidades, como na capital paraense e a arte folclórica empregada nos enfeites das roupas, fantasias e objetos usados em comemorações e festividades, como os feitiços das roupas típicas do congado ou da festa do Boi-Bumbá.

A arte indígena difere da arte contemporânea ocidental pelo seu caráter utilitário. É dita tradicional porque tende a seguir padrões herdados coletivamente e hereditária, que desenvolvem pequena variação ao longo do tempo, formando-se um corpo de formas, utilidades e significâncias constantes e bem caracterizadas. Esse conjunto de características permite distinguir os trabalhos de uma tribo daqueles de realizados por outras, e aproxima a sua arte do folclore (LAGROU, 2010).

Dos trabalhos artesanais indígenas que se destacam, muito são utilizados como enfeites para compor a indumentária usada nos rituais e também para a produção de utensílios ritualísticos e na comercialização.

Modificações intensas, a cultura promove nas disposições inatas do ser humano, obrigando-o ao convívio livre com o outro e ao mesmo tempo exigindo a entrega de parte de suas liberdades pessoais ao bem estar comum. Por isso, embora a origem da cultura esteja na busca da satisfação de necessidades biológicas, sua verdadeira natureza exigirá das pessoas algo que o faça diferente de mero organismo animal.

As produções culturais na e da Amazônia são instrucionais e educativas porque apresentam formas de viver num espaço singular que é a floresta amazônica, e são também estéticas porque a preocupação com o problema da existência é apresentada de maneira a superar jeitos fragmentados de ver-viver a Amazônia.

O homem amazônida vive em profunda relação de harmonia com a natureza que o cerca, o que gera fecunda produção de imaginário próprio, emoldurado por uma espécie de sfumato que se instaura como uma zona indistinta entre o real e o surreal, onde os rios e as florestas tornam-se muito importantes para esse cotidiano (RODRIGUES. 2005, p. 43).

A fascinação quando entra em contato com as manifestações culturais da Amazônia é a forma desprendida como diversos segmentos culturais, se embrenham na promoção de sua identidade e memória, revelando um universo no qual não há fronteiras entre o real e a representação, e no qual o sonho tem consequências reais que trespasam a redoma da vida rígida e angustiante, misteriosa e complexa do torrão amazônico.

Entende-se que a comunidade escolar precisa estar participando do processo educacional da escola, com seu engajamento as dificuldades serão vencidas e as más impressões sobre o que pode ser conhecimento oficial serão

superadas, porque todos estarão envolvidos pela educação e pelo desenvolvimento. Correa (2006) enfatiza que,

[...] Essas populações vivenciam determinadas situações peculiares [...] Esse conjunto de saberes, de experiências e de tecnologia, acumulado no cotidiano das relações sociais dos sujeitos do campo, deve ser incluído como conhecimento válido a ser utilizado em seus próprios processos formativos [...] Por esse motivo, professores, estudantes, pais, membros da comunidade... enfim, todos, sem exceção podem e devem ser envolvidos na construção coletiva do currículo. [...] (CORREA, 2006 P. 167)

A participação da comunidade escolar é um fator incondicional para a melhoria da educação, a presença da comunidade no estabelecimento de ensino é uma forma estratégica para haver a pluralização do currículo, além de fazer parte das novas tendências que buscam melhorias educacionais, propondo um ajuste na conduta, sugerindo a descentralização e a democratização como meio de alcançar tais avanços e desenvolvimentos.

Para tanto, as instituições de ensino podem contribuir nesse processo de aprimoramento e estudo da cultura amazônica, para que o modo de vida das populações amazônicas não se enfraqueça e venha a mudar de configuração no contato com outras culturas de outras regiões do país, mas permaneça autêntica e sólida, capaz de ser identificada de longe, por sua característica artística, religiosa, folclórica, de modo de produção, de relação entre as pessoas, da fala, enfim, de meios que caracterizam o povo amazônico com suas características.

No entanto, o currículo escolar oficial com um forte meio de repasse e construção de conhecimento e informação, em seu processo democrático de construção pode contribuir nessa empreitada articulando e inserindo os temas regionais amazônicos em seu conteúdo. Brandão (2004, p.111), quando diz que:

O processo de reconstrução do pensamento do aluno requer duas condições: a primeira é ter como ponto de partida a cultura experiencial do aluno; a segunda consiste na criação, na aula, de um espaço de conhecimento compartilhado. (BRANDÃO, 2004, p.111)

Assim, a participação proposta na formação do educando é uma abertura para seu engajamento na própria política educacional em que está inserido, para aprender a negociar, propor, orientar e ser orientado, a ser membro da comunidade em que faz parte, e acima de tudo compreenda o valor da expressão cultural de um povo.

Neste contexto, as salas de aulas das escolas públicas da região amazônica, que devido a concepção de educação imperante no país, assumem em geral um único padrão de prédio poderiam se diferenciar das demais, pela metodologia de trabalho que incorporasse os temas da envolvendo a região, os sabres culturais, mas devido a organização do currículo ser ainda elaborada de cima para baixo essa concepção parece ser ideológica.

Entretanto, se as secretarias municipais de educação, as direções de escolas, os coordenadores pedagógicos, os professores, os alunos e toda a comunidade escolar estiverem realmente conscientes da grandiosidade do que podem fazer para mudar a conjuntura educacional, será possível chegar a algumas alterações. Como afirma Freire (1995, p. 110):

[...] abrir-se à alma da cultura é deixar-se 'molhar-se', ensopar das águas culturais e históricas dos indivíduos envolvidos na experiência, e o mergulhar nas «águas culturais» das massas populares, implica em compreendê-las para desenvolver uma nova prática pedagógica. Como nos diz Brandão (FREIRE, 1995, p.24):

Diante disso, a integração entre saber científico e saber cultural voltado para as questões regionais amazônicas, pode dar ao sistema educacional a orientação facilitadora do processo ensino/aprendizagem. Os educandos, ao se deparem com o estudo de temas complexos acabam desistindo de estudar, mas com a abordagem certa o rendimento escolar pode crescer e a articulação dos conteúdos escolares com a realidade sociocultural dos educandos, pode ser o meio para a superação dessa dificuldade por meio de práticas pedagógicas.

Portanto, os educadores compreendem a cultura como algo inerente ao modo como o ser humano vive e se percebe no cotidiano, delineando a organização de grupos sociais. Essa visão de cultura lhes possibilita construir com os educandos a identidade de pessoas pertencentes a uma história, a uma vida social de uma região específica, a Amazônia, com toda a sua magia e fascinação.

2 CULTURA DA AMAZÔNIA NA ESCOLA INDÍGENA

2.1A ESCOLA INDÍGENA E A CULTURA DA AMAZÔNIA

Ao mencionar as etnias sobreviventes, percebe-se que estas vêm construindo alternativas às políticas propostas a partir dos gabinetes que abordam a educação indígena. Todavia, tem se constituído como um mecanismo importante de resistências ao processo de desconstrução das ideias que ao longo o tempo vêm negando o direito à coexistência entre índios e não índios e vice versa.

Neste sentido, a construção da escola indígena está sendo realizada a muitas mãos, demanda esforço de numerosos grupos de cientistas sociais ligados, principalmente às Universidades Públicas de vários cantos do país em conjunto com os povos indígenas.

Assim, as organizações indígenas se consolidam como vitais para esse processo, bem como a representação e pressão exercida diante dos poderes públicos, ter sido fundamental para a concretização do projeto escolar indígena.

Apinayé e Albuquerque (2012, p. 121) acreditam na “valorização das duas línguas para o fortalecimento da autodeterminação dos povos [...] dentro dos princípios de pluralidade cultural”. Preservar a própria língua em seu território é uma forma dos grupos se reconhecerem como indígenas e cultivar seus valores, crenças, cultura, tradições e modo de vida

Assim, a construção do currículo escolar indígena deve buscar cada vez mais a desconstrução do etnocentrismo que marca essas propostas, via Secretarias Municipais e Estaduais de Ensino, que historicamente têm atuado como instrumentos de descaracterização cultural, desorganização dos povos indígenas e dominação, tendo partido da justificativa de que o índio não tinha educação.

A história das relações da sociedade nacional com os índios, tanto no que tange ao todo do país e, em especial, o que diz respeito à Amazônia, carece de mais estudos e análises que exponham cada vez mais as condições em que o processo de colonização da região construiu a atualidade em que estão inseridos, indígenas e não-indígenas.

É importante ressaltar que a Constituição Federal de 1988 possibilitou avanços, hoje mais visíveis, no sentido da viabilização concedida da autodeterminação dos povos indígenas sobreviventes do longo processo de

extermínio, consequência do processo de colonização e do avanço do capital nacional e internacional sobre as regiões consideradas como as últimas fronteiras do capital: as terras indígenas da Amazônia.

Diante disso, para os povos indígenas, a utilização da língua materna no ambiente escolar é representada como símbolo de reafirmação de sua organização social, bem como o rompimento do paradigma integracionista, ao qual se pensava as culturas indígenas como transitória. Fortalecer, no senti do mais denso da palavra, é agregar seus costumes, crenças e tradições, é também reconstruir e traçar novos caminhos que os levem a sua autonomia (PALADINO; ALMEIDA, 2012).

Por isso que o ambiente escolar, em contextos contemporâneos, é representado como espaço de reafirmação da cultura no território, assim como possibilidade de retomar o controle de suas comunidades, por meio de aprendizado da cultura não indígena, no escopo de conquistar espaço social e político para luta de seus direitos educacionais.

2. 2 A DIVERSIDADE CULTURAL INDÍGENA NA ESCOLA

É evidente que, para que se possa construir uma nação livre, solidária e igualitária, onde ser cidadão não seja um privilégio de poucos, deve-se buscar informar sobre todos os povos que compõem a sociedade nacional, como asiáticos, brancos, negros, indígenas, entre outros e tentar valorizar as culturas e feitos destes tantos povos principalmente, mas não exclusivamente, dentro da escola.

Assim sendo, a escola deve começar a se ver como espaço genuíno de promoção e da valorização da diferença. Ela deve ser um espaço de possibilidades de conhecimento do “outro”, do “diferente”, com suas especificidades.

No mais, essa tentativa de aproximação dos estudantes com as culturas indígenas e da Amazônia, enriquece a visão dos alunos em relação aos “outros” povos formadores da sociedade nacional, que se tem conhecimento. É possível verificar que o desenvolvimento da cultura no ambiente escolar necessita de mudanças, para adquirir maior importância no ensino de modo geral. Tais mudanças envolvem a formação do professor, a utilização de materiais e espaços da escola e a exploração dos diversos tipos de demonstrações culturais dos alunos que os conduzam a perceber como a arte que está permeada em seu dia a dia.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008). § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008). § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileira (BRASIL, 1996).

Diante disso, faz-se necessário ressaltar que a valorização das culturas dos afro-brasileiros e indígenas no contexto escolar, há uma necessidade ética em combater qualquer tipo de discriminação, tendo a escola papel fundamental na função de abrir-se ao conhecimento da diferença enquanto ação humanizada. As diferenças devem ser valorizadas na escola como temas que enriquecem os conteúdos e que respeitam as várias visões de mundo existentes em uma sociedade, em uma comunidade ou nas vivências de um povo.

Também vale ressaltar que os professores devem estar preparados conceitual e metodologicamente para lidar com este tema da valorização da diferença e do uso da literatura como fomentadora de visões variadas sobre os indígenas, já que não se podem tomar as representações dadas nas publicações como verdades incontestáveis, considerando as tradições da etnia.

Neste caso, o professor tem que ter um claro entendimento de que representações são criações e que são variáveis temporalmente. Ainda, é importante ressaltar que o uso de imagens é essencial e preferencialmente imagens de boa qualidade, como material de apoio ao texto literário, assim como uma boa contextualização por parte do(a) professor(a) e o incentivo à total liberdade criativa e inventiva das crianças, enquanto seres culturais.

Vale, também, mostrar o que a pesquisadora das culturas dos índios nacionais Berta Ribeiro (1991) informa sobre a riqueza estética das produções dos indígenas brasileiros, pois é exatamente através desta riqueza estética que se espera sensibilizar as crianças em idade escolar para a valorização cultural indígena,

[...]Nos campos das expressões gráficas e plásticas, a criatividade estética do índio brasileiro se estende, além do corpo, à ornamentação da vivenda e dos objetos. Trata-se de uma reiteração de motivos e significados semânticos aplicados ao embelezamento da casa, da cerâmica, à estrutura dos tecidos e trançados, à pirogravura da superfície das cuias, à pintura dos utensílios de madeira e dos implementos de trabalho. Essa iconografia confere homogeneidade visual ao universo tribal que milita em favor da singularização étnica.[...]. (RIBEIRO, 1991, p. 155).

Na realidade, os povos indígenas brasileiros, demonstram uma preocupação “estética” para além do seu valor de uso dos objetos produzidos por eles. Esses objetos, também, identificam o artesão que os produziu e a sociedade da qual eles são cultura material.

É importante mencionar que várias instituições culturais como os museus, bibliotecas, dentre outros têm, geralmente, material de empréstimo para as escolas que desejarem exibir ou utilizar em suas aulas objetos de tais grupos sociais e obras literárias referentes a eles. Pode-se pedir, como empréstimo, objetos que valorizem as habilidades estéticas dos indígenas, o que facilitará o trabalho nas aulas de Artes. Utiliza-se aqui uma passagem de Ribeiro que mostra esse “cuidado” indígena na produção de sua cultura material.

Nos campos das expressões gráficas e plásticas, a criatividade estética do índio brasileiro se estende, além do corpo, à ornamentação da vivenda e dos objetos. Trata-se de uma reiteração de motivos e significados semânticos aplicados ao embelezamento da casa, da cerâmica, à estrutura dos tecidos e trançados, à pirogravura da superfície das cuias, à pintura dos utensílios de madeira e dos implementos de trabalho. Essa iconografia confere homogeneidade visual ao universo tribal que milita em favor da singularização étnica. (RIBEIRO, 1991, p. 155).

Vale ressaltar que várias instituições culturais de tais grupos sociais e obras literárias ou objetos que valorizem as habilidades estéticas dos indígenas, facilitará o trabalho nas aulas de Artes. Também, pode-se pedir doações de publicações sobre temas indígenas para a doação à biblioteca escolar. Tudo vale para o trabalho das tradições culturais na escola.

Assim sendo, a sugestão metodológica seria utilizar, no ensino escolar, obras literárias indígenas, dos mais variados gêneros e que se referem à indígenas como forma de fazer com que os estudantes tomem contato com as representações dos vários povos indígenas brasileiros e, em seguida, reinterpretem criticamente as representações ali contidas. Porém os estudantes sempre devem ser informados sobre as situações socioculturais atuais de cada grupo étnico que é foco de estudo,

pois isto auxiliará na compreensão crítica das representações de indígenas presentes nas obras literárias.

Diante disso, “a verdadeira aprendizagem é processo que começa com o confronto entre a realidade do que sabemos e algo novo que descobrimos, uma nova maneira de encarar a realidade (SELBACH, 2010, p. 19). Assim sendo, acredita-se que o estudo das representações dadas aos indígenas nas obras literárias brasileiras, podem auxiliar no descobrimento de novas formas de encarar estes cidadãos brasileiros, dando a eles o devido respeito que merecem, buscando inclui-los, e reconhecendo seus saberes e fazeres como importantes e significativos.

Neste sentido, os professores devem estar preparados para fazer com que seus estudantes percebam que há, na sociedade brasileira, grupos indígenas, que estes detêm uma riqueza cultural única e que estes brasileiros podem contribuir muito para que nosso país, assim como sempre o fizeram.

O avanço do processo de aculturação de aculturação entre os povos implica na perda das características próprias das tribos em virtude da modificação dos hábitos e comportamentos nativos pelas normas sociais muitas vezes influenciadas pela educação escolar da segunda língua (a língua portuguesa), ao passo que os indivíduos mais novos das tribos tem praticado com maior frequência o português, devido ao inter-relacionamento promovido pelo desenvolvimento regional ocorrido no território amazônico.

A preservação da cultura de cerca de 200 nações indígenas que incorporaram a língua e hábitos dos portugueses tem sido uma luta constante, muito embora haja a tentativa de manutenção de costumes, modos de vida e tradições de antepassados. Para Luciano (2006) Apud IBGE (2010), a região brasileira apresenta dado contingente significativo de populações de indígenas, conquanto carteie apenas 0,4% da população total. Sem atribuir ao conjunto, os indígenas brasileiros considerados índios isolados, seja pelos modelos da própria política de contato, como também indígenas que perpassam pelo processo de reafirmação étnica após anos de dominação e repressão cultural.

Assim, ao ser assegurado o direito ao multiculturalismo, todos os povos e culturas, nacionais e regionais, são preservados, mantendo-se a abundância de toda a pluralidade cultural, das liberdades, das expressões, das divisões de poderes. Isso não significa, contudo, que intercâmbios culturais não possam ser realizados, pois nenhuma cultura é estática e o contato com outras práticas pode vir a agregar

conhecimentos e proporcionar o acesso a tecnologias úteis, sem denotar na perda ou no valor dos conhecimentos tradicionais (HÄBERLE, 2000).

Considera-se que a inclusão dos indígenas no ambiente escolar, nas unidades escolares dentro e fora das aldeias e nas universidades, deve ser pautada pelo respeito ao outro, pelo respeito à diferença e na valorização das muitas contribuições culturais que forneceram e ainda fornecem.

Todavia, o estudo de personagens indígenas presentes na literatura pode favorecer o surgimento de um novo olhar sobre as populações indígenas nacionais, a fim de fortalecer o reconhecimento de suas organizações sociais, suas tradições, seus saberes, seus fazeres, seus valores simbólicos e seus processos de transmissão cultural. Pois a etnia não precisa participar apenas de suas manifestações culturais, como também compreender a da Amazônia com suas diversidades tradicionais e diferenças na convivência do povo.

2.3 O INDIO, O PROFESSOR E TRADIÇÕES CULTURAIS EM SALA DE AULA.

Embora, seja a escola, o local privilegiado para a apropriação do conhecimento, há outros espaços que possibilitam a aprendizagem de maneira menos formal, a saber: a internet, equipamentos tecnológicos como a televisão e projetos culturais conduzidos por Organizações Não Governamentais.

Diante disso, norteiam-se novos caminhos para o encontro com a educação e a cultura, não obstante, se torna necessário uma articulação maior entre a escola e as várias dimensões de aprendizagem e conhecimento, objetivando, impactar positivamente a efetiva aprendizagem das crianças e adolescentes, pelo acesso amplo a projetos alternativos que apresentem a indústria cultural e universalizada a esse público, pelo resgate de tradições culturais, vivenciadas no senso comum ou pelo contato com as artes plásticas, literatura música teatro e comunicação.

Logo, a inserção cultural na escola de território indígena, deve priorizar o estabelecimento de uma grade curricular que valorize a pluralidade e diversidade cultural local, bem como o intercâmbio da escola com produções e produtores culturais, pela elucidação de caminhos para unir a educação e a cultura, mesmo que os desafios sejam infintos, cabendo, nestes casos, aos docentes e a sociedade, o engendramento de possíveis novas aproximações, pela formação da consciência de cidadania, reformulação de estratégias de resistência, promoção de cultura e

apropriação de estruturas de sociedades não indígenas, pela aquisição de conhecimentos úteis para a melhoria das condições de vida, propostas na pauta relativa à educação escolar indígena, isto é, uma forma de abolir os moldes integracionistas visadores da homogeneização da sociedade Brasileira pela assimilação e aculturação.

Nesse caso, o advento da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional garantiu a oferta de educação escolar Bilíngue e Intercultural, visto serem estes modelos educacionais adequados às peculiaridades educacionais dos diferentes grupos, sendo, portanto, considerada imprescindível para a erradicação da desigualdade e o favorecimento da preservação da realidade sociolinguística de cada povo.

Assim, por força da determinação do Artigo 3º A resolução n.º 3, de 10/11/1999, do Conselho Nacional de educação adverte diretrizes nacionais para o funcionamento das escolas indígenas, ao definir elementos básicos para a organização, a estrutura e o funcionamento da escola indígena:

Na organização de escola indígena deverá ser considerada a participação da comunidade, na definição do modelo de organização e gestão, bem como: I. suas estruturas sociais; II. suas práticas socioculturais e religiosas; III. suas formas de produção de conhecimento, processos próprios e métodos de ensino aprendizagem (BRASIL, 1999)

Na realidade, a escola não há diferenças, ela necessita ser um ambiente organizado para além das características comuns das instituições de ensino universais, a de transmitir conhecimentos sistematizados, ao ser autora de uma maneira própria de ser e de manifestar seus valores e hábitos a partir de um aprendizado significativo.

Dessa forma cabe a cada instituição escolar acompanhar e instruir o discente pelo fortalecimento dos próprios costumes e valores, associados à filosofia e projetos político-pedagógicos escolares, visando a projeção para a vida intelectual e social dos escolares, a partir de estratégias abordadas para a formação da cultura a qual a instituição deseja promover.

[...] Não é possível definir a escola como uma instituição totalmente alheia. Por outro lado, também não se pode compreendê-la como completamente inserida na cultura e no modo de vida indígena. Ela é como uma porta aberta para outras tradições de conhecimentos, por onde entram novidades que são usadas e compreendidas de formas variadas. (TASSINARI, 2001, p. 50).

O resgate de memórias, histórias e identidades que fortalecem a etnia indígena, geralmente, são fomentados pela pesquisa e a educação, ao favorecer a condição de uma cultura significativa e viva para os povos, consequência da visão, muitas vezes, estereotipada, e monopolizada do conceito do “ser índio”, pois a cultura não deve apenas ser lembrada, todavia, difundida como mecanismo de resgate de valores sócio históricos, mantendo peculiaridades inerentes aos povos nativos no entremeio das adversidades sociais.

Nesse caso, o direito à diferença, garantido aos índios pela Constituição de 1988, assunta ao estado a proteção às manifestações culturais indígenas, por assegurar o uso de línguas maternas e utilização de princípios e processos próprios de aprendizagem, sobressaindo as especificidades asseguradas pela LDBEN, o bilinguismo e a interculturalidade.

Vale ressaltar, no entanto, a necessidade de utilização de um currículo diferenciado para a educação escolar indígena, garante ações significativas incentivadoras de práticas reais de aprendizagem, ao possibilitar a aplicação de costumes, valores e narrativas orais que envolvem o contexto material da identidade indígena como mote de partida para um processo educacional interdisciplinar, pautada no fortalecimento cultural, memorialístico e identitário nas aldeias.

Os indígenas não são nem foram personagens folclóricos, o respeito pela raça, dever ser presente na busca contínua de preservação das formas de vida e tradições culturais anteriores ao advento do capitalismo. A LDBEN prioriza o incentivo ao conhecimento cultural dos povos habitantes o Brasil, principalmente aqueles que cultivam a terra desde antes da invasão colonizadora.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.. (Brasil, Lei 11.645/2008).

Diante disso, as escolas indígenas seguem o mesmo parâmetro das demais escolas, o de introduzir nas diversas áreas de conhecimento temas relacionados nos parágrafos e artigo supracitados. Nesse contexto, é nas escolas que se aprende ou

se deve apreender o respeito às diferenças culturais imbricadas para o além da escola ou pelo que as sociedades determinam como valores a serem preservados através da educação, tendo em vista que os aportes intelectual e cultural são a própria vida humana, em virtude de serem processos atrelados à condições de sobrevivência.

A expansão das instituições de ensino em âmbito escolar indígena, intuem a não desvalorização das raízes culturais dos povos, uma vez que o processo de educação deve ser uma ferramenta que desenvolva a ação educativa, que só poderá acontecer pela adequação e compreensão da realidade social necessária para amparar a educação nas aldeias, onde o que deve ser ensinado não se relaciona apenas ao passado dos nativos, mas o cultivo da identidade cultural, manifestada intensamente em uma sociedade que prega a diversidade cultural, o Brasil. Cunha (2016) explica que,

[...] a escolarização multicultural como uma das políticas culturais “para os índios” e, em alguns casos, “dos índios” , pois, na escola, por intermédio do Estado, homogeneízam-se alguns conhecimentos enquanto o papel de outros é ofuscado. A escola, segundo a autora, “esquece que ela não é feita apenas de conteúdos e sim de procedimentos de regimes de transmissões” e outras realidades entendem essas transmissões de formas diversas (CUNHA, 2016, p. 14-15)

Neste contexto, a proposição de uma escola indígena diferenciada, de qualidade, representa grande novidade no sistema educacional do país. Dessa forma as particularidades indígenas serão respeitadas e valorizadas. Para tanto, estão sendo implementados programas com o objetivo de proporcionar às nações indígenas, comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas a reafirmação de suas identidades étnicas bem como a valorização de suas línguas ciências, a fim de garantir a todos o acesso à informação, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e das demais sociedades indígenas e/ou não indígenas na região amazônica.

3 DESAFIOS DO ENSINO DA CULTURA DA AMAZÔNIA NA ESCOLA INDÍGENA: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA NA EIMEI KARO ABOY, “NOVA ALDEIA”, TRAIRÃO, EM JACAREACANGA- PARÁ.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA INVESTIGADA

A EIMEI Karo Aboy, em Nova Aldeia, Trairão, em Jacareacanga- Pará, fica situada à margem esquerda do Rio tapajós, pólo Sai Cinza, foi fundada em 14 de Abril de 2012, cuja aldeia residiam cinco famílias, quinze alunos e dois professores, Inocência Kirixi munduruku. Havia um senhor experiente Lídio karo Munduruku, o morador mais antigo da aldeia.

Por este motivo a escola se chama Karo Aboy, anexo à EMEF Carmem valente no mesmo município, na época do prefeito municipal Raulien oliveira de Queiroz. Atualmente atende o Ensino Fundamental, mas preserva sua cultura e Língua Materna.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia deste trabalho, abordou os desafios do ensino da Cultura da Amazônia na escola indígena Karo Aboy em Nova Aldeia, no município de Jacareacanga- Pará. Foi fundamentado basicamente em referências bibliográficas, como (ÁIRES, 1981), (HUIZINGA, 2001), (KISHIMOTO, 1999), (SANTOS, 2000), (VYGOTSKY, 1989), dentre outros autores que foram utilizados no decorrer trabalho, para a fundamentação teórica. À seguir, houve uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, de forma analítica e exploratória, onde analisou-se as respostas dos docentes entrevistados em Novembro de 2021. A investigação foi direcionada por meio de questões norteadoras.

De acordo com os objetivos que essa pesquisa pretendeu alcançar, inclui-se refletir sobre as percepções de professores da escola indígena, quanto à utilização de ludicidade para a aprendizagem do aluno; Verificar as contribuições do lúdico no processo ensino-aprendizagem; Identificar práticas docentes voltadas ao lúdico e analisar a prática pedagógica docente, quanto o lúdico em sala de aula.

Para tanto, a fim de se chegar aos resultados almejados, ocorreu uma entrevistas por meio de questionários elaborados individualmente, com professores

seguida de coletas e análises, com discursões sobre as respostas, as propostas contribuintes e a conclusão de todo o trabalho.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Foram entrevistados dois professores que trabalham na escola citada acima há quatro anos e são graduados em Pedagogia. São do sexo masculino e têm 28 e 30 anos de idade respectivamente.

Os entrevistados não trabalharam em outra instituição de ensino e responderam com toda propriedade e conhecimento, sobre as questões que lhes foram propostas, abordando os desafios da cultura Amazônica na escola, a partir de seu conhecimento e vivência na comunidade civil e escolar.

3.4 ANÁLISE DA PESQUISA COM OS PROFESSORES

A escola uma entidade socializadora que deve incorporar as diversas culturas, afim de que haja um ambiente sociável onde todos possam manifestar seus ideais sem medo de serem tachados como antiéticos e serem discriminados pela cultura que estes manifestam ou pertencem.

Assim, o reconhecimento da multiculturalidade da sociedade leva a constatação da diversidade de raízes culturais que fazem parte de um contexto educativo como uma sala de aula. E este contexto deve está inserido também na escola da etnia indígena. Para compreender essa questão, investigou-se docentes da escola acima citada, e iniciou-se com a percepção do que seja a cultura popular.

Quadro 1: Para você, o que é cultura popular? **Fonte:** Professores da EIMEI Karo Aboy, “Nova Aldeia”, Trairão, em Jacareacanga- Pará./2021.

Professo(a)s	Respostas do(a)s entrevistado(a)s
P1	A cultura popular é a nossa cultura, nossas tradições, com danças, bebidas e comidas típicas, festas com datas comemorativas e tudo oque a comunidade trabalha como a pesca e caça.
P2	Cultura popular é tudo o que o povo vive, e faz. São os costumes de um comunidade ou região. É a vivência comum de todos, que vivem em comum.

Os professores entrevistados responderam que cultura é a vivência de um povo ou região. Está caracterizada pelas tradições, danças, bebidas e comidas típicas, festas tradicionais, condições de sobrevivência como a caça e a pesca. Enfatizaram que é tudo o que o povo vive em comum união.

Assim, os seres humanos adquirem cultura através dos processos de aprendizagem de enculturação e socialização, pessoas que vivem em diferentes lugares ou circunstâncias diferentes desenvolvem culturas diferentes. Os estudos antropológicos também apontaram que através da cultura as pessoas podem se adaptar ao seu ambiente de formas não genéticas, de modo que as pessoas que vivem em ambientes similares frequentemente terão culturas divergentes.

Nunes (2004, p. 9) assegura que a cultura é a “soma de todas as criações que melhoram a condição material dos homens ou que expressam a vida intelectual e moral”. A cultura reproduz o resultado do esforço de autoafirmação da espécie humana, que se desprende da condição da animalidade até atingir, passando pela selvageria e pela barbárie, os mais altos graus de desenvolvimento da pessoa humana.

Desta maneira, a cultura, como termo geral, significa a herança social total da humanidade. No conceito antropológico, a cultura é, para cada agrupamento humano, um conjunto de modos de proceder e pensar segundo estruturas normativas variáveis e particulares que sustentam diferentes padrões de pensamento e ação. Constituição Brasileira (1988) e pela UNICEF, a seguir (2012, p.9):

[...]A cultura influencia os modos de ser e de estar no mundo; de agir, sentir e se relacionar com o natural e o social. No Brasil, há uma diversidade cultural significativa. Todas devem ser valorizadas. Esse conceito permite observar a força das culturas de indígenas e de afro-brasileiros em todos os momentos cotidianos. Nos seus modos diversos de falar, andar, comer, orar, celebrar e brincar estão inscritas suas marcas civilizatórias. Há um traço de destaque nesses povos: ancorados na dimensão do sagrado celebram e respeitam a vida e a morte, estabelecendo uma relação ética com a natureza. Pela forma de se expressar e de ver o mundo, tais populações mantêm vivas suas histórias. [...] (BRASIL, 1988).

Nesse caso, essa alteração incorporou o conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento, inclusive os de caráter imaterial. A Constituição estabelece ainda a parceria entre o poder público e as populações e comunidades locais para a promoção e proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro, no entanto mantém a gestão do patrimônio e da documentação relativa aos bens como responsabilidade exclusiva da administração pública.

O contato intercultural com as colocações sociais acabou por dar a ela dinamismo e propiciar um movimento intenso, ao mesmo tempo em que essa

interação proporcionou uma heterogeneidade difícil de separar as partes. No meio rural, esse movimento parece progredir de forma menos acelerada e a homogeneidade é maior.

Visto que não se trata de uma sociedade isolada, muitos momentos marcantes do ponto de vista cultural, fatos históricos, decorrentes dos contatos com outros povos e culturas, impulsionaram este movimento mais acelerado na cultura amazônica. Prosseguindo o estudo, precisou-se saber se a escola indígena trabalha as diversidades culturais.

Quadro 2: A escola indígena trabalha as diversidades culturais? De que forma? **Fonte:** Professores da EIMEI Karo Aboy, “Nova Aldeia”, Trairão, em Jacareacanga- Pará./2021.

Professo(a)s	Respostas do(a)s entrevistado(a)s
P1	Trabalha através da língua e da cultura, de materiais, onde desenvolve-se também a cultura da leitura e escrita.
P2	Sim. Por meio do de tudo que se vive na aldeia. Tudo o que é repassado de pais para filhos, de avós para netos, bisnetos, também é trabalhado na escola.

Quanto á escola trabalhar com as diversidades culturais, os entrevistados responderam que trabalham sim, por meio da Língua e da sua cultura, com materiais utilizados na aldeia, a leitura e a escrita também. Sobretudo, trabalham por meio de tudo oque há na aldeia, as tradições repassadas dos antecedentes em que todos participam e conhecem, são trabalhados na escola.

O fato e o sentimento de pertencer a uma comunidade indígena é o que define o índio no Brasil, ou seja, é índio quem se sente índio. E essa auto identificação que se alicerça na identidade étnica, com a continuidade de um grupo que carrega um legado histórico identificador é o critério fundamental para a definição do índio brasileiro. Aquele que nasce e é dono da terra e dos seus feitos.

Neste sentido, quando se trata de cultura e educação, pode-se dizer que são estes fenômenos intrinsecamente ligados, a cultura e a educação que juntas, tornam-se elementos socializadores, capazes de modificar a forma de pensar dos educandos e dos educadores. Isso ocorre, quando adota-se a cultura como uma aliada no processo de ensino-aprendizagem, em que permite-se que cada indivíduo que frequenta o ambiente escolar se sinta participante do processo educacional.

Ressalta-se, porém, que a reprodução cultural indígena não é estática, Como qualquer comunidade étnica, sempre haverá mudanças e, portanto, a cultura indígena não será sempre a mesma; pois sempre estará em contato com outras

formas de cultura. E isso não destrói a identidade cultural da comunidade. Eventuais transformações não descaracterizam a identidade cultural da comunidade tradicional, pois serão mudanças dentro da própria comunidade étnica e isso apenas tende a somar para o enriquecimento do aspecto cultural.

Diante disso, na cultura indígena, principalmente, passou a ser protegida com ênfase na Constituição Federal de 1988, a partir do abandono das práticas que abandonaram suas culturas e da ideia de integração nacional dos povos originários, a partir do reconhecimento do direito à diferença. Logo, inovou ao assegurar aos indígenas a possibilidade de perpetuarem suas tradições, por intermédio do reconhecimento de seus direitos básicos, considerando-os como cidadãos brasileiros, sem, todavia, desconsiderar suas peculiaridades.

Por isso, assegurou-se aos índios o direito de permanecerem como tais e de manterem sua identidade cultural como povos etnicamente diferenciados. Dando continuidade, a questão sobre a cultura Amazônica na grade curricular indígena.

Quadro 3: A cultura da Amazônia está incluída no currículo escolar da escola indígena? **Fonte:** Professores da EIMEI Karo Aboy, “Nova Aldeia”, Trairão, em Jacareacanga- Pará./2021.

Professor(a)s	Respostas do(a)s entrevistado(a)s
P1	Só através dos Estudos Amazônicos, que a gente desenvolve na escola indígena a cultura da Amazônia. Mas deveria está incluso no currículo, já que estamos na Amazônia.
P2	A cultura da Amazônica não está no currículo não. Só trabalhamos a questão cultural por que tem a disciplina Estudos Amazônicos e a comunidade também trabalha isso constantemente.

Quanto à inclusão da Cultura da Amazônia está no currículo da escola indígena, especificamente isso não existe e apenas é trabalhada, devido a disciplina Estudos Amazônicos, afirmam os professores. Ainda ressaltam que deveria está inclusa no currículo, mas também a comunidade trabalha sua cultura constantemente.

Está em evidência a importância dos povos indígenas e dos seus conhecimentos para o sócio e biodiversidade, posto que todas as práticas que desenvolvem possuem características próprias, peculiares de cada comunidade, mas, em comum, apresentam a preservação da natureza a partir de técnicas não hostis, assegurando a harmonia da relação pessoa e natureza, mantendo-se inseridos no meio onde vivem, retirando seu sustento dele.

Considera-se também, o fato de está sempre preservando, exemplo que deve ser observado e perpetrado pelos demais segmentos sociais, a fim de

assegurar o meio ambiente, ecologicamente, equilibrado e, assim, possibilitar que as futuras gerações acessem esses recursos e deles, igualmente, possam usufruir com qualidade de vida. Conforme Dantas (2006),

[...]Os saberes dos povos indígenas, assim como os de toda comunidade tradicional, conforme visto anteriormente, constituem fenômenos complexos construídos socialmente a partir de práticas e experiências culturais, relacionadas ao espaço social, aos usos, costumes e tradições. Por ser coletivamente construído, possuem características marcantes de relações compartilhadas, de intercâmbios, de solidariedades, o que os difere, substancialmente, do caráter individualista da propriedade privada. (DANTAS, 2000, p. 90)

Neste sentido, constitucionalmente, existe uma estrutura legal vasta e afirmativa do conhecimento tradicional e de sua proteção, atingindo diretamente o abrigo às comunidades indígenas, pois o sujeito de direito tutelado é toda a comunidade tradicional, com características coletivas e tradicionais.

Diante deste contexto, há posições sobre práticas individuais, seu entendimento deve ser de forma extensiva, ou seja, contextualizando culturalmente essas práticas a uma sociedade tradicional que deve ser revista de forma mais atualizada.

Assim, o multiculturalismo está assegurado por meio da proteção às culturas, às suas manifestações e aos diversos grupos sociais que as atêm. Portanto, o patrimônio cultural ultrapassa a ideia de bens intangíveis para atingir uma coletividade de grupos originários, bases da sociedade brasileira, suas identidades e expressões culturais e as suas possibilidades de desenvolvimento. À seguir, tipos de manifestações culturais do município de Jacareacanga- Pará

Quadro 4: Exemplifique tipos de manifestações folclóricas e culturais são realizadas no município de Jacareacanga? **Fonte:** Professores da EIMEI Karo Aboy, “Nova Aldeia”, Trairão, em Jacareacanga- Pará./2021.

Professo(a)s	Respostas do(a)s entrevistado(a)s
P1	São várias as manifestações culturais. Trabalha-se movimentos culturais no município, como quadrilhas, arraial junino com fogueiras, lendas contos e estórias.
P2	O povo vive sim, suas manifestações culturais com arraiais e movimentos tradicionais durante o ano todo, em que o povo todo movimenta duas tradições.

Quanto os tipos de manifestações folclóricas e culturais realizadas no município de Jacareacanga, os investigados ressaltaram que são várias as atividades culturais no município, com arraiais juninos, quadrilhas, lendas, estórias e contos. Também há realizações tradicionais durante o ano.

A cultura de conhecimentos, das tradições indígenas, foram preservadas por comunidades ribeirinhas de caboclos, que se utilizam desses conhecimentos para seu bem-viver e bem-estar, como métodos de reconhecer bons pontos de pesca, ervas medicinais, visto que é custoso o deslocamento à pontos de assistência médica, e reconhecimento de áreas na floresta propícias à coleta de frutas ou caça.

Assim, a partir das dificuldades para definir o tão abrangente termo que é a cultura, entende-se como Cultura Amazônica a confluência de ideias, línguas, tradições orais e escritas, costumes, lendas, danças e comidas típicas, festividades, lendas, religiosidade e artes e etc. que permeiam esta região e especificamente nas aldeias ou perdura os conhecimentos de cada povo indígena, com suas demandas em manifestações que marcam a população e a vida de um povo. Dando continuidade à investigação, questionou-se sobre manifestações culturais trabalhadas na escola.

Quadro 5: Que tipos de manifestações culturais são trabalhadas na escola? **Fonte:** Professores da EIMEI Karo Aboy, “Nova Aldeia”, Trairão, em Jacareacanga- Pará./2021.

Professo(a)s	Respostas do(a)s entrevistado(a)s
P1	Na escola, são apresentados vários tipos de manifestações culturais como apresentação de danças, rituais indígenas de cada aldeia, e demais questões folclóricas.
P2	Na escola trabalhamos todos os tipos de cultura da aldeia, de acordo com os povos, o folclore pelas lendas, histórias e tudo o que se vive no ano todo.

São apresentados na escola, segundo os investigados, diversos tipos de manifestações culturais como danças, rituais indígenas de cada aldeia, e demais questões folclóricas, incluindo as lendas e tudo o que o povo celebra durante o ano.

Ao analisar essa questão, considera-se que o Folclore, do inglês “folk lore” é o conhecimento popular de um corpo expressivo da cultura, compartilhado por um grupo particular de pessoas. Abrange as tradições comuns a essa cultura, subcultura ou grupo e incluem-se tradições orais como contos, lendas, provérbios e mesmo piadas, histórias, casos e causos, danças folclóricas juninas, dentre outras.

Estão inclusos também, a cultura material, desde estilos tradicionais de construção, até brinquedos artesanais, comuns ao grupo, ao povo ou até mesmo à etnia. O folclore também inclui o conhecimento e costumes, as formas e rituais de celebrações como Natal e casamentos, danças folclóricas e ritos de iniciação.

Assim, cada um destes, individualmente ou em combinação, é considerado um artefato folclórico. Tudo é tão essencial quanto a forma, em que o folclore também abrange a transmissão desses artefatos de uma região para outra ou de uma geração para a seguinte. Nestes termos,

O homem amazônida vive em profunda relação de harmonia com a natureza que o cerca, o que gera fecunda produção de imaginário próprio, emoldurado por uma espécie de sfumato que se instaura como uma zona indistinta entre o real e o surreal, onde os rios e as florestas tornam-se muito importantes para esse cotidiano (RODRIGUES. 2005, p 43).

Mediante isso, a maior das lendas e mitos da região norte são narrativas conceituadas, mostrando as adversidades dos acontecimentos, considerada única pela estrutura física e sua historicidade, sabendo-se que a literatura regional amazônica, não se prende apenas às narrativas mais famosas presentes nas escolas, mas também a todo o reflexo do imaginário popular expressado de forma hereditária ou interativa.

Portanto, as lendas folclóricas amazônicas mais populares estão aquelas aprendidas e divulgadas no ambiente escolar, como a Iara, o Curupira e o Boitatá. Como reflexo de suas origens indígenas, tem-se expressadas e codificadas através desses contos, a preocupação e o respeito com a natureza e o meio ambiente. As entrevistas prosseguiram, questionando-se a forma de ministrar aulas sobre a cultura da Amazônia.

Quadro 6: Como são ministradas as aulas sobre a cultura da Amazônia na sua escola? Explique:
Fonte: Professores da EIMEI Karo Aboy, “Nova Aldeia”, Trairão, em Jacareacanga- Pará./2021.

Professo(a)s	Respostas do(a)s entrevistado(a)s
P1	São ministradas as aulas, de acordo com o que festeja na comunidade e isso começa na escola.
P2	As aulas de Cultura da Amazônia na escola, são ministradas dentro da disciplina Cultura da Amazônia e também da forma prática com apresentações culturais da comunidade.

Como afirma os professores, as aulas de Cultura da Amazônia, são ministradas dentro da disciplina Cultura da Amazônia, com apresentações de todos os festejos da comunidade durante o ano. E tudo isso começa no ambiente escolar.

Desta maneira, diante do contexto educacional, a cultura traz mais complemento para a história que é apresentada no âmbito educacional. Ao pensar em introduzir esta parte tão mais importante na educação é uma tarefa árdua, pois a cultura tem-se várias formas diferentes de ser contada e até mesmo expressá-la ao

público. De uma forma, a cultura faz parte da educação, pois sem ela, fica um grande vazio ao ensinar história de um povo.

Neste sentido, levar a consciência para um despertar relacionado à experiência da cultura é também importante o interesse pelo seu conhecimento empírico e, a partir disso, contemplá-la e vivê-la nas suas mais diferentes formas e possibilidades, acreditando que a cultura transforma a força que tem o pensamento criativo e relacional de um povo.

Por isso, é muito fácil verificar a grande falta de acesso da questão cultural relativa à educação, sobretudo em razão de recursos e da possibilidade dos estudantes demonstrarem duas vivências e seus costumes. Brandão (2002) explica que a cultura é tanta coisa, pois,

Educar é criar cenários, cenas e situações em que, entre elas e eles, pessoas, comunidades aprendentes de pessoas, símbolos sociais e significados da vida e do destino possam ser criados, recriados, negociados e transformados. Aprender é participar de vivências culturais em que, ao participar de tais eventos fundadores, cada um de nós se reinventa a si mesmo. (BRANDÃO, 2002, p. 26)

Ao analisar um contexto geral, todas as variações de uma cultura vêm para torná-la mais confiável, pois diante de toda a sua construção houve a variável de ações, experiências e expressões que tornaram o saber sobre a cultura mais forte diante de todos os atritos. Mais ainda, para que haja uma complexidade ao se falar em cultura. Sendo que desta maneira, possa ocorrer uma facilidade em se transmitir quaisquer conhecimentos sobre a cultura, as traduções e manifestações populares ou étnicos.

Diante dessa situação, é que os professores da Amazônia, precisam aproveitar a oportunidade que têm, para trabalharem lado a lado com a multiculturalidade da região, de forma específica e geral.

Na realidade, a sabedoria nascida do modo de expressão e de participação na vida da comunidade é o que protagoniza as pautas pedagógicas e, certamente, estruturam o caminho de formação e os esquemas de transmissão do conhecimento a partir do contexto cultural local. Enfim, investigou-se a compreensão dos docentes sobre a cultura da Amazônia, como também as tradições, vivências e costumes da comunidade

Quadro 7: Explique o seu entendimento sobre a Cultura Amazônica, as tradições do povo, as vivências e os costumes da sua comunidade. **Fonte:** Professores da EIMEI Karo Aboy, “Nova Aldeia”, Trairão, em Jacareacanga- Pará./2021.

Professo(a)s	Respostas do(a)s entrevistado(a)s
P1	Os costumes da comunidade, as tradições e manifestações do povo, o modo de vida e tudo o que se vive, contemplando a forma de manifestar, é cultura. E já que se vive na Amazônia, isso faz parte dessas tradições.
P2	A cultura da Amazônia, abrange as manifestações, vivências e costumes da nossa comunidade. E já que estamos nesse contexto, parte dessa cultura nossa, é Amazônica Também.

Como ressaltaram os professores, que os costumes da comunidade, as tradições e manifestações do povo, o modo de vida e tudo o que se vive, incluindo a forma de se manifestar, é cultura. E a cultura da Amazônia, é vivida sim, por nosso povo, já que vivem na Amazônia. Assim, já que estão inseridos na Amazônia, isso faz parte dessas tradições.

A relevância dos conhecimentos tradicionais está não apenas evidenciada para a manutenção das culturas e da diversidade social, mas, também, porque esses saberes não são agressivos ao meio ambiente, na medida em que, ao serem praticados, o são com respeito ao tempo natural de renovação dos recursos, ou seja, de modo sustentável. Assim, preservam a biodiversidade, conservando a potencialidade de recepcionar e atender às futuras gerações.

A multiculturalidade ou culturas de vários povos, uma vez compartilhada entre eles, caracteriza-se numa intercultura, que deve ser protegida e reconhecida como diferente, que nesse contexto, é o patrimônio cultural dos povos indígenas. Assim, imprescindível os preceitos constitucionais da Carta Magna brasileira, que, como mencionado, irrompeu com a busca pela incorporação dos povos indígenas à comunhão nacional e possibilitou-lhes o direito à diferença, dentre tantos outros, e mecanismos para garantir a sua concretização e seu reconhecimento.

Em relação ao contexto de proteção aos conhecimentos dos povos originários e à diversidade cultural, esta se refere à multiplicidade de formas onde as culturas grupais se expressam, sendo para o gênero humano tão necessárias quanto a diversidade biológica para os organismos vivos. Logo, constituem o patrimônio comum da humanidade, que deve ser reconhecido e consolidado em benefício das gerações presentes e futuras. (CHIRIBOGA, 2006).

Diante disso, verifica-se que as biodiversidades cultural e biológica se comunicam e se complementam de forma harmônica, simbolizando a riqueza da

natureza e incorporando múltiplas tradições, culturais e intelectuais, em níveis ético, ecológico, epistemológico, histórico, econômico e social.

Nesse aspecto, há a necessidade de se efetivarem totalmente as inúmeras previsões legais e morais, acima destacadas, para que haja o devido respeito aos direitos dos grupos e de suas culturas, com o reconhecimento de que sua importância não seja relegada à exploração econômica, mas que o comportamento ético triunfe como instrumento para a preservação da diversidade biológica e cultural dos povos indígenas.

3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES

Atualmente, a diversidade cultural da Amazônia constituída por suas lendas, culinária, música, saberes, imaginários, entre outros aspectos, é tratada pelos educadores com respeito, dedicação e algo necessário para despertar a realidade dos alunos, relativo às suas vivências e manifestações tradicionais.

Os povos indígenas, também chamados de “povos originários”, são detentores de um vasto conhecimento, profundo e complexo, desenvolvido historicamente, referente a saberes variados, às suas tradições e manifestações enquanto etnia que preserva e conversa o ambiente, sendo necessário ser trabalhada nas instituições educacionais .

Diante da pesquisa na escola citada, percebeu-se a necessidade de sugestão de algumas propostas para contribuir com o trabalho docente, relativo à cultura da Amazônia em sala de aula da etnia indígena, considerando que esta cultura é de modo geral e a cultura indígena ocorre de modo específico. Por este motivo, há a necessidade dos estudos culturais na Amazônia no contexto educacional escolar indígena.

1. Trabalhar diversas manifestações culturais folclóricas da região Amazônica na escola.
2. Considerar que a cultura indígena da comunidade escolar, também é cultura Amazônica, já que o indígena é também um amazônida.
3. Identificar outros tipos de manifestações culturais de outras comunidades.
4. Diferenciar cultura Amazônica da cultura local.

A Cultura amazônica está presente na vida dos sujeitos pela cultura de conversa, nos ambientes familiares e comunitários, cujo aprendizado, também, está

presente nas atividades educativas que devem ser desenvolvidas na escola. Os educadores devem ter a consciência que a cultura amazônica é híbrida, multicultural, formada por populações e culturas diferentes e por isso, precisam trabalhar pedagogicamente a autonomia dos sujeitos e a originalidade de sua cultura, que são as vozes, os saberes, os costumes, os imaginários e representações das populações locais e a vida de todos.

Portanto, os direitos culturais podem ser elencados como aqueles que dizem respeito à valorização e proteção do patrimônio cultural; à produção, promoção, difusão e acesso democrático aos bens culturais, à proteção dos direitos autorais e à valorização da diversidade cultural. São direitos que exigem um protagonismo por parte do Estado, estando intrinsecamente relacionados à consolidação da democracia, aos ideais de cidadania plena e ao fator de desenvolvimento, com a conscientização a partir da escola indígena.

CONCLUSÃO

A investigação na escola indígena Karo Aboy, “Nova Aldeia”, Trairão, em Jacareacanga- Pará, trouxe à tona, questões sobre o ensino da Cultura da Amazônica no contexto escolar da etnia, que torna-se necessária na escola, considerando-se que a escola é um ambiente de concepção conhecimentos.

Neste caso, percebeu-se que no entendimentos dos professores, a cultura popular é tudo o que o vive e representa para sua vivência. Que a escola trabalha a Cultura da Amazônia, na disciplina Estudos Amazônicos, e em realizações tradicionais e folclóricas do Município de Jacareacanga, que trabalha durante o ano todo, as culturas tradicionais do povo. Também abordaram que as lendas, contos, histórias, a pesca e a caça, fazem parte das manifestações culturais da aldeia, e assim, como estão na Amazônia, também são tradições da Cultura da Amazônia.

Percebe-se que a obrigatoriedade deste ensino não é suficiente para que realmente a Arte exista na escola. Dessa forma, cabe ao professor buscar meios para que o ensino das manifestações culturais aconteça de forma efetiva na sala de aula e cumpra com seus objetivos de formar os alunos a que sejam capazes de criar, apreciar e contextualizar produções artística-culturais.

Um conhecimento mais abrangente sobre o ensino de manifestações culturais permite ao professor ter uma visão mais geral sobre sua ação, realizar planejamentos, saber melhor executar práticas artísticas, expandir os referenciais teóricos, incluindo, também conhecimentos sobre a história da Arte.

Portanto, faz-se necessário uma educação que considere e respeite a diversidade na efetivação de um currículo capaz de promover mudanças substanciais, nas relações que se estabelecem entre os diferentes sem, contudo, deixar de considerar os fatores que promovem as tradições; pois, trabalhar a cultura da Amazônia em sala de aula, requer empenho, prática, transmissão e concepção de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- APINAYÉ. Cassiano Sotero. ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **Contexto histórico da educação escolar indígena Apinayé**. In: ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. 2012.
- BECKER, Bertha K. **Amazônia: Geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro. Garamond, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria de Educação Fundamental. Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. **LEI Nº 11.645, DE 10 DE MARÇO DE 2008** - Publicação Original <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal>.
- BRASIL, Constituição Federal. **Título VIII Da Ordem Social; Capítulo III Da Educação, da Cultura e do Desporto; Seção II Da Cultura, art.216**. Brasília, 1988. Disponível em: Acessado em 17/10/2021.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: SP: Mercado das Letras, 2002.
- BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Tradução de Celso de Castro, 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- CHIRIBOGA, Oswaldo Ruiz. **O direito à identidade cultural dos povos indígenas e das minorias nacionais: um olhar a partir do Sistema Interamericano**. Sur, Rev. int. direitos humanos. 2006,
- CORREA, Paulo Sérgio Almeida (org.) **A educação, o currículo e a formação de professores**. Belém: EDUFPA, 2006
- CORRÊA, Sérgio R. M. **Educação Popular do Campo e Desenvolvimento Territorial na Amazônia: A territorialidade do campo como «espelho» de projetos conflitantes e contraditórios**. In: **Educação Popular do Campo e Desenvolvimento Territorial na Amazônia: Uma leitura a partir da Pedagógica do Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB)**. João Pessoa: Dissertação de Mestrado. 2007.
- CUNHA, M. C. **“Políticas culturais e povos indígenas: uma introdução”**. In: CESARINO, P. N., CUNHA, M. A. (Orgs). **Políticas culturais e povos indígenas**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- DANTAS, Fernando Antônio de Carvalho. **Base jurídica para a proteção dos conhecimentos tradicionais**. Revista CPC, v. 1, n. 2, p. 80-95, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Editora autores Associados: Cortez, 1982

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade.** 2e. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido.** 2e. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade.** 7. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade.** 7. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

HÄBERLE, Peter. **Teoría de Constitución como Ciência de Cultura.** Madrid: Tecnos, 2000.

LAGROU, Elis. **Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas:** Proa – Revista de Antropologia e Arte, nov. 2010, ano 02; 01 (02).

LOURO, Guacira Lopes. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOUREIRO, J. de J. P. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário.** Belém: Cejup, 1995.

MCLAREN, P. **Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1991.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente.** Campinas-SP: Papyrus, 1997.

NUNES, B. **Um conceito de cultura.** Belém: Conselho Estadual de Cultura, 2004.

OLIVEIRA, Ivanilde Apolucena. TEXEIRA, Elizabeth (Org.). **Referências para pensar aspectos da educação na Amazônia.** Belém: EDUEPA, 2003

OLIVEIRA, Persio Santos de. **Introdução à sociologia.** São Paulo: Ática, 2004.

PALADINO, Mariana. ALMEIDA, Nina Paiva. **Entre a diversidade e a desigualdade: uma análise das políticas para a educação escolar indígena no Brasil dos governos Lula.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; LACED/Museu Nacional/UFRJ, 2012.

PAULINO, Itamar Rodrigues. **A Amazônia entre culturas, identidades e memórias.** Em: LIMA, Rogério e MAGALHÃES, Maria da Glória (orgs). **Culturas e Imaginários: Deslocamentos, Interações e Superposições.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.

PEDRO, Aquilino de. **Dicionário de termos religiosos e afins**. 10 ed. Aparecida: Santuário, 1999.

RIBEIRO, Berta G. **Arte Indígena, Linguagem visual**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

RODRIGUES, Anderson. **Uma estrutura de classificação com enfoque na cultura amazônica**. Brasília, 2005.

TASSINARI, A. M. I. **“Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação”**. In: LOPES da SILVA, A, FERREIRA, M. K. L. (Orgs.) **Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola**. São Paulo: Global, 2001.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom**. London, John Murray, 1871. Tradução- 1999.

SELBACH, Simone et al. **Arte e didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Coleção Como Bem Ensinar. 2010

APÊNDICES



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
PORTARIA/MEC Nº. 2560 DE 15/09/03**

Este questionário é parte integrante de um Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba- Pará, intitulado “Desafios do Ensino da Cultura Amazônica na Escola Indígena”. (Arlindo e Valdenir)

QUESTIONÁRIOS PARA OS PROFESSORES

Identificação:

*Sexo: _____ Idade: _____

*Graduação: _____

*Pós- Graduação: _____

*Quantos anos trabalha nesta escola? _____

*Já trabalhou em outra instituição de ensino? _____.

1. Para você, o que é cultura popular?

2. A escola indígena trabalha as diversidades culturais? De que forma?

3. A cultura da Amazônia está incluída no currículo escolar da escola indígena?

4. Exemplifique tipos de manifestações folclóricas e culturais são realizadas no município de Jacareacanga?

5. Que tipos de manifestações culturais são trabalhadas na escola?

6. Como são ministradas as aulas sobre a cultura da Amazônia na sua escola? Explique:

7. Explique o seu entendimento sobre a Cultura Amazônica, as tradições do povo, as vivências e os costumes da sua comunidade.

Obrigado!